

OS EMOJIS COMO MARCADORES DISCURSIVOS EM CONVERSAS NO WHATSAPP

Thaís Ludmila da Silva Ranieri – (UFRPE)

thaisranieri@yahoo.com.br

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo discutir o emoji na função de marcador discursivo em conversas no WhatsApp. Para isso, contamos com o aporte teórico da Linguística Textual, com foco nas discussões sobre texto também com as discussões sobre a linguagem dos emojis (PAIVA, 2016) e as discussões em torno dos Marcadores Discursivos (PENHAVEL, 2005).

PALAVRAS-CHAVE: Emoji. Marcadores discursivos. WhatsApp.

ABSTRACT:

This paper aims to discuss the emoji as a discourse marker in WhatsApp talks. For this, we support on the theoretical contribution of Textual Linguistics, with a focus on discussions about text, also with discussions about the language of emojis (PAIVA, 2016) and discussions around discourse markers (PENHAVEL, 2005).

KEYWORDS: Emoji. Discourse Markers. WhatsApp.

0. Apresentação

Em tempos atuais, os recursos tecnológicos vêm reinventado a nossa forma de interagir com o outro. As mudanças não se dão somente no suporte a ser usado, como o celular, por exemplo; mas também na construção textual, discursiva e linguística de tais interações. Os recursos semióticos emergem nessas interações e com destaque para o uso dos emojis como um dos elementos semióticos recorrentes nas conversas por aplicativos de mensagens.

Nesse cenário, chamamos atenção para os emojis na função de marcadores discursivos (MDs). No caso das conversas pelo aplicativo de mensagens, *WhatsApp*, que aqui nos propomos a analisar, salientamos a recursividade semiótica dos MDs. Veremos que os emojis como marcadores discursivos tendem a ter a mesma função dos marcadores verbais. Percebemos então que os recursos semióticos não são unicamente elementos estilísticos nas interações, mas ganham outras funções que se fazem necessárias a partir do uso feito pelos falantes de uma língua e pelo seu acesso às tecnologias emergentes.

Em tempo, reforçamos que os trabalhos voltados para os estudos dos MDs partem de pesquisas que tem por objetos de análise textos orais que foram gravados e transcritos. Poucos são os trabalhos que se enveredam para outros ambientes interacionais. Destacamos aqui os trabalhos desenvolvidos pelo Projeto NURC (Projeto Norma Culta) nas décadas de 70 e 80 em várias capitais do Brasil que muito ajudaram nos estudos dos textos orais.

Assim, temos por objetivo apresentar uma discussão em torno dos emojis como marcadores discursivos em conversas de *WhatsApp*. Para atender a esse objetivo, iniciamos o trabalho com duas seções teóricas: *Os emojis e suas funções nas interações por WhatsApp* em que buscamos, a partir de outras pesquisas, mostrar que os emojis apresentam uma organização de sentido e podem ou não ser investigados na relação com o verbal e *Os emojis como Marcadores Discursivos* em que apresentamos o arcabouço teórico em torno dos marcadores discursivos que nos ajudou a refletir sobre o fenômeno pesquisado.

Logo depois, na seção *Os emojis em ação: análise das interações*, expomos os exemplos retirados de conversas de *WhatsApp* para nossa discussão. A seção foi dividida em três partes que estão de acordo com as funções apresentadas pelos emojis: abertura de turno, continuidade tópica e encerramento de turno. Por fim, apresentamos as *Considerações Finais* e as *Referências*.

1. Os emojis e suas funções nas interações por *WhatsApp*

Em seu trabalho, Paiva (2016), ao fazer uma releitura de Schnoebelen e Steinmetz (2014), apresenta duas funções para os emojis, quando busca tratar do que chama de gramática dos emojis. Segundo ela, haveria duas funções em primazia: a função sintática e a função discursiva.

Segundo a autora, quanto à função sintática, é ressaltada, em especial, a pontuação. Os emojis são usados em fim de enunciados, mas também podem ser inseridos entre pensamentos completos. Além disso, ela mostra que os emojis seguem uma sequência linear de tempo, de ação e de posicionamento. Há uma organização para o uso dos emojis pelos usuários. Abaixo, temos alguns exemplos retirados do trabalho da autora (PAIVA, 2014, p. 392). O primeiro se refere ao uso do emoji na ideia de fechamento de período, ao invés do uso do ponto final.

Imagem 1 – Exemplo 1



Fonte: elaboração própria

O próximo exemplo mostra o uso do emoji sem o verbal, mas que demonstra uma organização sintática de sequência temporal de ações. Vejamos:

Imagem 2 – Exemplo 2



Fonte: elaboração própria

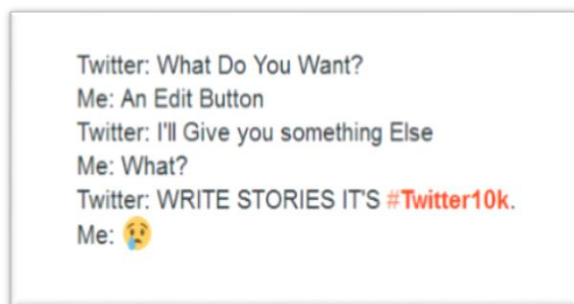
Na Imagem 2, a posição dos emojis de forma linear lembra o paradigma da organização da linguagem verbal da esquerda para direita e de forma sequencial. Há também a possibilidade de entendermos a disposição dos emojis dentro da organização frasal em que temos sujeito e predicado, sendo o emoji de tristeza representando o sujeito e o coração rachado, o verbo.

Os exemplos postos por Paiva (2014) nos ajudam a perceber que o uso dos emojis nas interações seguem uma organização sintática linear e temporal, tal como no paradigma do verbal. E que alguns emojis, dentro de um determinado contexto cultural, apresentam minimamente sentidos estabilizados, tal como o léxico das línguas.

No que tange à função discursiva, são ressaltadas as seguintes características: 1) substituir palavras, 2) expressar emoções, 3) indicar afeto, 4) intensificador e 5) expressar ironia. Percebemos que tais características buscam representar o olhar, a linguagem corporal, a expressão facial, todos os modos semióticos associados à oralidade que são elementos importantes na interação face a face. Muitas vezes o verbal não dá conta de marcar as emoções sentidas pelos usuários nas conversas pelo aplicativo. Temos também alguns exemplos a seguir. Vejamos.

No exemplo 3, temos o emoji em substituição a palavra *sad* (triste). A substituição não parece prejudicar o entendimento do leitor.

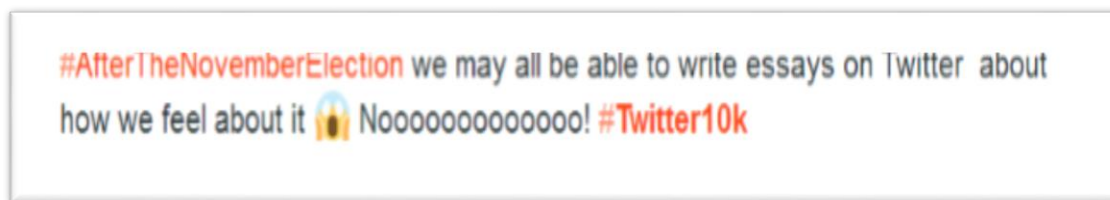
Imagem 3 – Exemplo 3



Fonte: elaboração própria

Já no exemplo 4, o uso reforça o verbal. O desespero representado pelo emoji assustado marca o tipo de sentimento que não foi explicitamente posto pelo verbal. O exagero da emoção é construído com o auxílio do emoji.

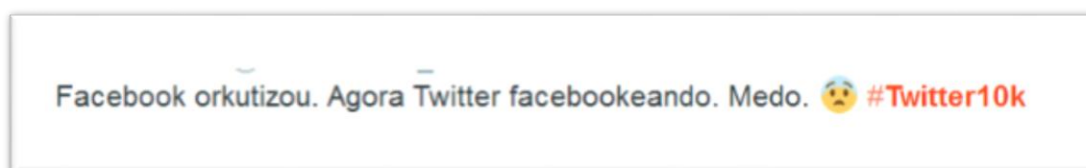
Imagem 4 – Exemplo 4



Fonte: elaboração própria

De modo parecido, temos na imagem 5. O medo é reforçado com o emoji de apreensão. A carga semântica do sentimento é efetivada no uso conjunto do verbal com o visual.

Imagem 5 – Exemplo 5



Fonte: elaboração própria

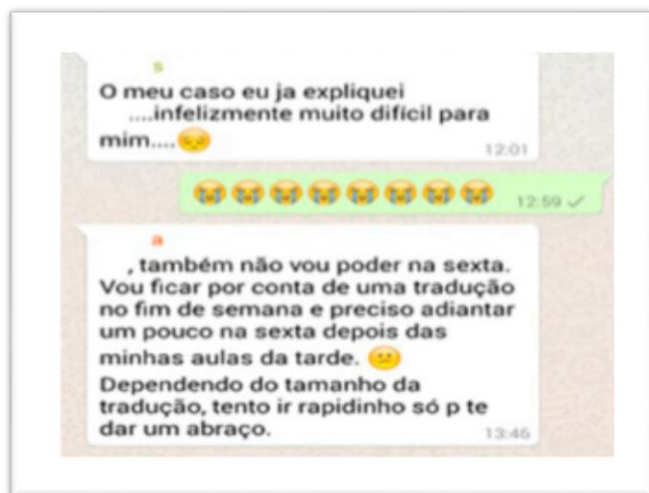
Além de Paiva, Dresner e Herring (2010), também apontados por Oliveira, Cunha e Avelar, (2018) mostram três funções discursivo-pragmáticas dos emojis. Duas dessas funções se aproximam das propostas por Paiva (2016), que seriam a (1) indicação de emoção e (2) indicação de comportamento. Ambos os

casos seriam ligados às expressões faciais. Teríamos, por exemplo, uma carinha feliz ou nervosa para o primeiro e uma carinha pensativa, para o segundo.

Já a terceira função teria uma perspectiva mais pragmática: a força ilocutória dos atos de fala. O emoji não seria usado sozinho, mas seria usado para reforçar pedidos, convites. Teríamos, como exemplo, situações em que o falante pede um favor e põe um coração para que o pedido seja suavizado.

Ainda dentro do escopo da pragmática, há também a possibilidade de os emojis serem usados como estratégias de reparo em pedidos de desculpa, como mostram Ferreira, Cunha e Avelar (2018). Como se pode observar na imagem 6 que é um exemplo extraído do trabalho dos autores (2018, p. 1626).

Imagem 6 – Exemplo 6



Fonte: elaboração própria

O emoji usado com pedido de desculpa pode ser usado, de acordo com os pesquisadores, depois de uma recusa explícita ou não. No caso acima, foi usado com uma recusa explícita.

Pela discussão exposta, percebemos que os emojis não são itens decorativos que se justapõem ao verbal. São elementos pictóricos que possuem uma organização gramatical que pode ser entendida dentro dos contextos interacionais, ajudando na construção de sentidos. São elementos que se integram ao linguístico e que fazem com que olhemos com outros óculos para a organização textual e discursiva.

Pelas propostas dos autores citados, podemos organizar os emojis em três diferentes funções, a saber, 1) sintática, 2) discursiva e 3) pragmática. Em síntese, temos:

- 1) Função sintática: usado como pontuação;
- 2) Função discursiva: substituição de palavras; expressar emoções; intensificador;
- 3) Função pragmática: expressar comportamento; reforço de força ilocucionária em atos de fala; pedir desculpas.

Além das funções mencionadas, apontamos neste trabalho a possibilidade de os emojis serem usados como marcadores discursivos, como trataremos na próxima seção.

2. Os emojis como Marcadores Discursivos

As interações mediadas pelo aplicativo *WhatsApp* são marcadas por uma hibridez no modo de construção textual-interativa. Tal hibridização se dá por meio de textos na modalidade escrita, por áudios, pelo uso de imagens, pela recorrência a emojis e emoticons, por figurinhas, entre outros. Entretanto, as interações são marcadas, muitas vezes, pelo par pergunta-reposta que é característico da organização dos textos orais conversacionais, ou seja, são *elementos cruciais na interação humana*, nas palavras de Fávero, Andrade e Aquino (2009). Assim as conversas no *WhatsApp*, que hoje fazem parte das nossas relações sociais e interacionais cotidianamente, apresentam alguns recursos que são identificados como característicos de interações face a face, embora a materialidade verbal se realize, em sua maior parte, pela escrita. Nesse universo, os marcadores discursivos são mecanismos bastantes produtivos nas conversas e não são menos numerosos do que nas conversas pelo *WhatsApp*.

Os MDs fazem parte dos mecanismos de organização textual-interativa dos textos construídos na modalidade oral da língua. Risso, Silva e Urbano (2006) entendem os MDs como um grupo de elementos de constituição bastante diversificada com funções linguísticas bem marcadas ou não, mas que

apresentam funções pragmáticas que estão consolidadas no funcionamento da linguagem. Penhavel (2005, p. 1296) entende que os *marcadores discursivos (MDs)*, em termos gerais, são mecanismos que atuam no nível do discurso (aqui entendido como organização textual-interativa), estabelecendo algum tipo de relação entre unidades textuais e/ou entre os interlocutores. Podemos sintetizar que são mecanismos de organização textual-interativa que permitem a sequencialidade e o encadeamento nas interações orais.

Quanto às funções, os MDs podem ser classificados como textuais e interacionais, como aponta Penhavel (2005). As funções textuais estão na organização do conteúdo do discurso. São também vistos como elementos de coesão textual, estabelecem algum tipo de relação semântica ou atuam na organização da estrutura do texto. O autor aponta para algumas formas típicas que estão associadas a esta função: agora, então, e, mas, aí, ou seja, enfim, em resumo, quer dizer etc.

No caso da função interacional, pretende-se atuar no processamento da interação da conversa. Eles têm uma função de encaminhar o fluxo conversacional. Penhavel aponta para uma função diretamente associada com a interação face-a-face. Seriam, por sua vez, independentes do tópico conversacional e não pertencentes a organização sintática da conversa. Algumas formas típicas são: entende?, né?, sabe?, ta?, bom..., olha..., certo, claro, sei, uhn uhn etc.

Nas conversas no *WhatsApp*, percebemos uma sobreposição de funções dos MDs. Os emojis agregam as duas: a função textual e a função interativa. Tal possibilidade também não é descartada por Urbano (1995), nas interações orais, e nem por Penhavel (2005). Os autores apontam para essa possibilidade, tendo em vista que a construção do texto oral se dá em condições bem distintas do texto escrito. Atentamos aqui para o fato do texto oral se realizar de forma *online*. Assim, os emojis também assumiriam as duas condições: discursivos e interacionais, ou seja, eles podem ser usados tanto na construção do encadeamento do texto, no processo de coesão e, por conseguinte da coerência, como elementos necessários para a progressão da interação entre os interactantes.

Outro ponto a ser destacado é que dentro dos estudos da Análise de Conversação, teríamos estruturas que estariam presentes na organização conversacional que não seriam do verbal, mas nem por isso seriam entendidas como elementos menos importantes na cadeia conversacional. Marcuschi (1986) e Castilho (1993) apontam para o não-verbal ou paralinguísticos que seriam recursos presentes no processo comunicativo em interações presenciais, como o olhar, riso, gesticulação e expressões faciais. Há dois pontos importantes a serem destacados aqui. Primeiro, o fato de já ser conhecido o papel de elementos não verbais como pontos importantes para os estudos das interações conversacionais orais. Em segundo, que com o avanço tecnológico, a necessidade de trazer elementos que nos permita nos aproximar o máximo possível das interações orais em ambientes virtuais. Isso mostra o quanto é importante todos os recursos semióticos que estão disponíveis no aplicativo.

Como salientado acima, embora no *WhatsApp* o verbal se realize na escrita, encontramos também características de organização dos textos orais. Podemos apontar aqui para a relação de continuidade entre a língua falada e escrita que se refletem na construção textual-interativa de textos, sejam orais ou escritos. No caso do *WhatsApp*, podemos ter uma relação de pares ou de mais interactantes, no caso dos grupos, nas interações. No caso dos grupos, há grupos que só os administradores encaminham as mensagens e não há resposta por parte dos usuários que tem a função bloqueada.

A partir dessa discussão, tomaremos aqui três ações rotineiras em interações orais: abertura de turno, continuidade tópica e encerramento de turno. Vejamos a seguir.

3. Os emojis em ação: análise das interações

Iniciaremos as análises de nossos fragmentos de conversas. As conversas que aqui serão usadas como *corpus* foram extraídas de arquivo pessoal da pesquisadora e de outras pesquisas que foram disponibilizados pelas autoras (RANIERI, GOIS, 2020). Tiramos qualquer marca que veja a identificar

os autores das conversas. Extraímos amostras de conversas privadas e de conversas em grupos de *WhatsApp*.

3. 1 Os emojis na abertura do turno

Nas interações face a face, a abertura de conversa pode ser iniciada com um simples *Oi! Tudo bem?* Obviamente que acompanhada pelos demais recursos semióticos que acompanham o verbal nas interações orais, como um sorriso ou o olhar. Em conversas por *WhatsApp*, podemos usar da mesma estratégia para fazer a abertura de turno, podemos enviar um áudio com a gravação de uma mensagem ou podemos fazer uso de emojis para iniciar o turno. Não há um rigor de que forma a conversa pode ser iniciada, sendo assim, existe a possibilidade de termos um emoji como elemento de abertura de turno. O modo de iniciar dependerá do tipo de intimidade entre os usuários que leva ao grau de formalidade, se é uma mensagem para uma só pessoa ou um grupo. Em conversas com um grau de formalidade maior, a abertura da interação se dá, em geral, por um cumprimento seguido do nome da pessoa, por exemplo, “Bom dia, Ana!” Em geral, o uso do emoji para abrir a conversa aponta para uma relação mais informal e mais íntima entre os usuários. Vejamos a imagem 7.

Imagem 7 – Exemplo 7



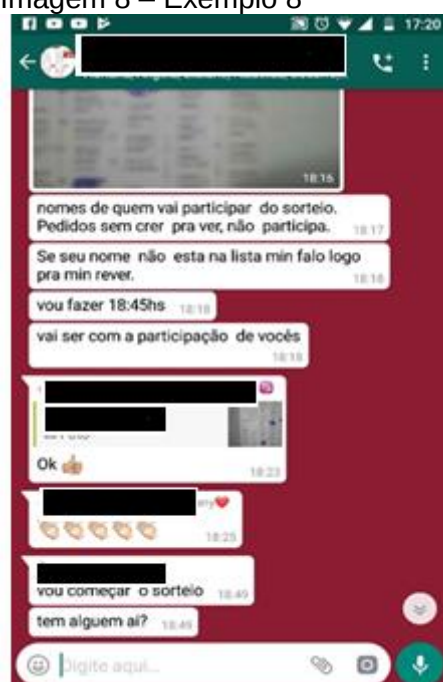
Fonte: elaboração própria

Na Imagem 7, a abertura do turno se dá pelo emoji . Os olhos arregalados representando pelo emoji em destaque geralmente está associado com a ideia de que o interlocutor está prestando atenção ao tópico conversacional ou que algo está deixando-o curioso. Nesse caso, ele foi usado para fazer a abertura da interação. De toda forma, mostra também curiosidade com o que a outra pessoa deve estar fazendo. O emoji marca bem a função interacional dos MDs, como aponta Penhavel (2005): de abrir o turno e de permitir o encadeamento inicial da conversa. Percebemos que o tópico pode até ser mais sério, mas a intimidade conduzirá o uso dos emojis nas interações.

3. 2 Os emojis como elementos de confirmação para a continuidade do tópico

Após a abertura de uma conversa, a continuidade ou não do tópico dependerá do engajamento dos usuários. Pode ser que um novo tópico se inicie e apague o outro ou que o tópico apresente novas temáticas que vão encadeando a sequência conversacional. Em interações presenciais, a expressão facial do interlocutor ajuda a perceber se há entendimento, compreensão e engajamento na conversa. O oposto também pode acontecer. Recorrer a linguagem corporal é um recurso tão importante quanto esperar algum MD, como certo, unh, unh, que sinalize que haja partilha da interação. No caso das interações no *WhatsApp*, podemos ter MD verbais no fluxo da conversa, mas também é bastante recorrente o uso de emojis para marcar a confirmação da atenção dos presentes na conversa. Vejamos as imagens 8 e 9 que são a sequência de uma mesma conversa em grupo de um grupo profissional.

Imagem 8 – Exemplo 8



Fonte: elaboração própria

Imagem 9 – Exemplo 9



Fonte: elaboração própria

Podemos acompanhar nas imagens, o encadeamento da conversa. Na imagem 8, a administradora do grupo pede que indiquem quem não colocou o nome para sorteio. Logo abaixo, temos a confirmação tendo por resposta a

palavra ok seguida do emoji de polegar sendo usado o recurso como resposta direto na foto com a lista dos nomes. No fim da imagem, uns 20 minutos depois, a administradora pergunta se há alguém online para que o sorteio se inicie. Ela pergunta: tem alguém aí? As respostas são 3 emojis de uma moça com os braços levantados, depois temos um polegar confirmando. A continuidade do tópico que permite que o sorteio continue por respostas que não são verbais, mas que dão o mesmo sentido do que expressões “Eu, eu, eu” ou “Confirmado” se pensássemos em equivalentes verbais.

O próximo exemplo a seguir foi extraído de uma conversa privada. O tópico gira em torno de manutenção de contato para serviços gráficos. Nele temos na parte das saudações a resposta para a pergunta “Tô bem e vc?” e, em seguida, a resposta “Como Deus quer né?” seguido de duas mãos que aqui no Brasil usamos para expressar algo abençoado ou que Graça a Deus. O interessante neste exemplo é o uso do marcador né que tem função interacional seguido de um emoji que reforça o sentido geral do enunciado que seria estar tudo de acordo como Deus quer. Mais adiante, temos o emoji de com rosto piscando dando ideia de concordância e de sequência na interação. Observem a imagem a seguir.

Imagem 10 – Exemplo 10

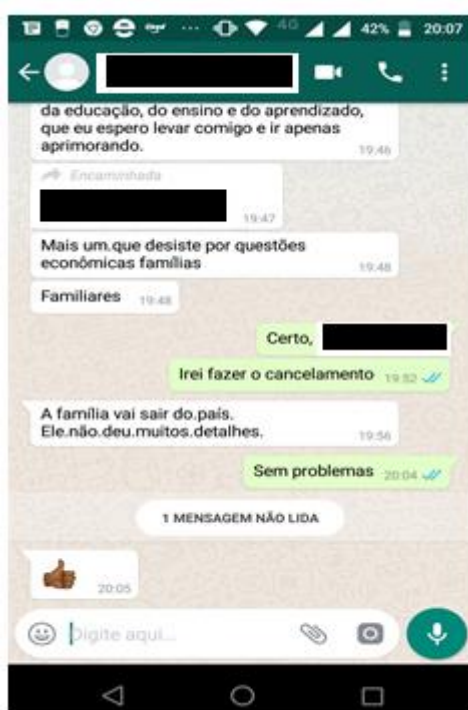


Fonte: elaboração própria

3.3 Os emojis no fim do turno

A última função a ser tratada aqui é o encerramento de turno. Tal como nas interações presenciais em que temos marcadores que sinalizam a nossa despedida, encontramos também os emojis na mesma situação discursiva. Para ilustrar essa possibilidade trazemos três exemplos que podem ser acompanhados a seguir. O primeiro é o uso do emoji do polegar.

Imagem 11 – Exemplo 11



Fonte: elaboração própria

Logo após temos o fim do turno marcado com o emoji com olho piscando e um beijo.

Imagem 12 – Exemplo 12



Fonte: elaboração própria

E, por fim, o uso das mãos unidas após a palavra Obrigada.

Imagem 13 – Exemplo 13



Fonte: elaboração própria

Todos os três exemplos marcam o fim do turno da conversa. Percebemos que não há emojis específicos para isso, como também não há emojis que são prototípicos das aberturas de turno. O uso de cada um está associado ao contexto da interação. Os emojis carregam um sentido inicial como as palavras também carregam, mas podem ter mudanças a partir do seu uso. Dependendo do rumo da conversa presencial, o fim do tópico pode ser dado com um *até logo* ou um *adeus* ou não haver nenhum elemento que marque, restando o silêncio e a saída de um dos sujeitos. O mesmo também pode acontecer nas interações por *WhatsApp*. O fim pode ser determinado por uma expressão linguística ou por um emoji com dando um beijo, por exemplo.

4. Considerações Finais

Acima vimos três funções básicas dos emojis na condição de MD: abrir, dar continuidade e encerrar turno. São funções principais nas interações orais em que os marcadores indicam essas funções, como apontado por Fávero, Andrade e Aquino (2006). Pudemos comprovar também que são estratégias de uso nas interações no aplicativo do WhatsApp, ainda que tenhamos uma mescla de características do texto oral e escrito no ambiente do aplicativo.

A outra questão que se faz importante observar é o fato de que os recursos semióticos da fala já eram apontados como elementos importantes em pesquisas de décadas passadas. Marcuschi (1986) e Castilho (1993), ainda que usassem nomes diferentes para tratar da condição, apontavam para a necessidade de olhar para o não verbal ou paralinguístico. Observar gestos, entonação, olhar nas interações presenciais era tão importante quanto observar o verbal. Sabendo disso reforçamos nosso posicionamento de que os emojis não são elementos decorativos nas conversas, mas assumem uma condição discursiva e textual inegável para a construção da interação. Essa tentativa de reproduzir as condições do presencial através da imitação das expressões faciais, da reprodução de comportamentos é de extrema importância para a construção de sentidos.

Além dessas funções apontadas, ressaltaria aqui outras funções para os emojis: a de marcadores e de modalizadores discursivos. Como visto na seção anterior, alguns autores já vêm se debruçando sobre a funções dos emojis e apontaram para funções que estão estreitamente ligadas à construção textual, discursiva e pragmática da língua. Percebemos, neste trabalho, que além das funções postas encontramos outras que são recorrentes e são importantes para a efetivação da interação no WhatsApp, como mostrado aqui na condição de marcador discursivo. A título de exemplificação, apontamos também a possibilidade de os emojis assumirem a função de modalizadores e de dêiticos, tal como foram encontrados durante a análise do corpus. Citamos aqui para que possamos perceber que há muito ainda para se estudar quando tratamos do ambiente virtual e da presença dos recursos semióticos em nossas interações e que podem servir de mote para próximas pesquisas.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. v. II.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita*. Perspectivas para o ensino de língua materna. 7. Ed. São Paulo: Cortez. 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto; CUNHA, Gustavo Ximenes; AVELAR Fernanda Teixeira. Emojis como estratégias de reparo em pedidos de desculpas: um estudo sobre conversas em ambiente digital. *Trabalho em Linguista Aplicada*, Campinas, n.57.3, 1615-1635, set./dez, 2018.

PAIVA, V. L. M. de O. A linguagem dos emojis. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 55, n. 2, p. 379–399, 2016.

PENHAVEL, Eduardo. Sobre as funções dos Marcadores Discursivos. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 34, p. 1296-1301, 2005.

Ranieri, Thaís Ludmila da Silva; GOIS, Aline Raquel Sena. Marcas da interação face a face em conversas de WhatsApp. *Miguilim - Revista Eletrônica do Netlli*, Cariri, CE, v. 9, n. 3, 2020.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In.: PRETI, Dino (org.). *Análise de Textos Oraís*. São Paulo: FFLCH/USP, 1995.